

Do Vaticano II ao Papa Francisco: rumo à liberdade e à amizade social na educação cristã.

Leila Maria Orlandi Ribeiro¹

Resumo: A pesquisa intitulada “Do Vaticano II ao Papa Francisco: rumo à liberdade e à amizade social na educação cristã” tem por objetivo conhecer as orientações provenientes do Vaticano II rumo à liberdade e à amizade social, atualizadas pelo Papa Francisco, em particular no contexto da educação cristã. Sabe-se que o Concílio Vaticano II trouxe novos ares do Espírito Santo à Igreja, com a proposta de amor e misericórdia dentro e fora da Igreja. E o Papa Francisco, um dos grandes atualizadores dos ensinamentos conciliares, tem decisivos direcionamentos à educação cristã nesse sentido. Nesta pesquisa, a metodologia segue a linha teórica em documentos dos Papas Francisco e João XXIII e em teólogos como O’Malley e César Alves. Conclui-se que, após 60 anos do evento conciliar, arde a esperança de um novo tempo de liberdade e amizade social, com a colaboração especial da educação cristã. Confiantes na educação iluminada pelo Espírito e guiada pela misericordiosa Providência seremos agentes de um novo mundo, já que “na ordem do amor, tudo concorre para o bem da Igreja” e de toda a humanidade (João PP XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*, n. 84).

Palavras-chave. Vaticano II. Papa Francisco. Educação. Cristã.

INTRODUÇÃO

A educação é um processo de toda a vida e missão de toda sociedade. A Igreja tem uma visão da educação na dimensão cristã, fundamentada em uma concepção do ser humano, da cultura, da sociedade e da história em que a pessoa assume valor inquestionável e a sociedade é pensada na perspectiva de igualdade, justiça e solidariedade (Documento nº 47 da CNBB, 2013, p.33). Nesse sentido, o objetivo do presente texto é verificar quais são as orientações dos documentos da Igreja para a educação e até que ponto elas são praticadas. Importa então conhecer os ensinamentos do Vaticano II no contexto da educação cristã, atualizados pelo Papa Francisco.

Encontramos as orientações do Concílio Vaticano II no discurso de abertura do Papa João XXIII, *Gaudete Mater Ecclesia* (GME), em 11 de outubro de 1962. A metodologia segue a linha teórica em documentos dos Papas Francisco e João XXIII e em teólogos como O’Malley, César Alves e Leonardo Boff. Veremos então qual foi o estilo que o Concílio propôs e como este estilo foi recebido pela Igreja, até a corajosa revolução cultural preconizada pelo Papa Francisco à educação, em vista da liberdade e amizade social.

¹ Doutoranda em Teologia na FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - BH - MG. Mestra em Teologia pela FAJE (2019-2021). Mestra em Educação pela UnB - Universidade de Brasília (1995). Professora dos Cursos de Graduação de Teologia e Filosofia da FATEO – Faculdade de Teologia da Arquidiocese de Brasília. Instituição financiadora da pesquisa: CAPES. E-mail: leilaor2608@gmail.com

1 O ESTILO DO VATICANO II

O Vaticano II trouxe grandes ensinamentos à Igreja, dentre eles o apelo para que se converta ao seu estilo, identificado a partir do discurso *Gaudet Mater Ecclesia* (GME) do Papa João XXIII na abertura do Concílio, bem como em seus documentos. Segundo o historiador O'Malley, com as orientações do Concílio,

o Papa João XXIII e o Concílio distanciaram-se de uma abordagem de bronca e desconfiança com relação ao 'mundo', [...] fazendo uso do remédio da misericórdia mais do que de severidade, ... demonstrando a validade do ensino [da Igreja], mais do que de suas condenações" (O'MALLEY, 2015, p. 5).

Para O'Malley, mesmo não usando a palavra "reconciliação", fica claro em suas orientações que o Papa João XXIII falava em reconciliar-se com um passado de sentenças condenatórias por parte da Igreja, estendendo-a a "toda a humanidade" (O'MALLEY, 2015, p. 15).

O Vaticano II é então considerado um Concílio de abertura e não mais de imposição, mas que vai "das ordens aos convites; das ameaças à persuasão; da coerção à consciência; do monólogo ao diálogo ... Em suma, do afastamento à reconciliação" (O'MALLEY, 2015, p. 19). E pede que a Igreja seja "mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade" (O'MALLEY, 2015, p. 2). O caminho proposto pelo Concílio à Igreja é, portanto, de misericórdia, diálogo e bondade, com vistas à reconciliação.

Para César Alves, a proposta conciliar, que pede conversão à Igreja e à humanidade, traz a oportunidade de se lançar um olhar atento ao passado, para se voltar às fontes (ALVES, 2013, p. 8). E, assim, "tirar do tesouro coisas novas e coisas antigas" (Mt 13,52), verificando o que foi bom e deve ser cultivado, bem como o que não foi tão bom e deve ser renovado, para que a Revelação de Jesus Cristo seja acolhida por cada cultura em particular.

E nos dias de hoje? Há esperanças e dificuldades a vencer. As dificuldades consistem na distinção entre o que é conteúdo essencial da fé e quais seus elementos secundários. Já que, segundo Paulo VI, a apresentação da fé "depende fortemente das circunstâncias, que se diversificam" (EN, 35). Sendo seu centro a libertação em Cristo, podem mudar os métodos de transmissão da fé, mas a fé em Jesus é sempre a mesma. Pois

"toda libertação que se pretende estritamente temporal e política desvia-se do seu ideal, já que suas motivações não são a justiça e a caridade, seu impulso não é a dimensão espiritual e sua finalidade não é a salvação e a beatitude em Deus" (EN, n. 35).

A educação, atenta ao conteúdo essencial da fé e nova nos seus métodos e fiel a Jesus, é a esperança para que o propósito libertador se realize em Cristo nosso Senhor.

2 DESAFIOS À EDUCAÇÃO CRISTÃ E MEIOS DE SUPERAÇÃO

A humanidade vive hoje uma situação de contrários, que ocasiona desafios a vencer. Neste momento de viragem histórica, são louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas. Todavia, como afirma o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo ainda vive precariamente e, por vezes, “a alegria de viver se desvanece; crescem a falta de respeito, a violência e a desigualdade social torna-se cada vez mais patente” (EG, n. 52).

Neste contexto de contrários, a Igreja enfrenta sérios desafios para a educação cristã, como os ataques à liberdade religiosa, a indiferença relativista, a deformação ética e a crise cultural da família, e, diante da extrema pobreza material e espiritual, predomina a rejeição da ética e a recusa de Deus, acarretando a crise da fé (EG, n. 61-66). Perante os desafios, o Papa Francisco clama pela educação cristã, para que se leve um feixe de luz na escuridão. Portanto, nossa imperfeição não deve ser desculpa para não agirmos, mas para continuar a crescer (EG, n. 121). Pois “não que eu já seja perfeito; mas corro para ver se o alcanço” (Fl 3, 12-13).

Dessa forma, somos chamados a aprofundar o processo de inculturação do Evangelho por meio da educação, já que essa é uma realidade nunca acabada (EG, n. 126). A saída é viver os valores de humanismo cristão e estes são a fraternidade, o respeito, o amor, a justiça, a paz. E o ponto de partida é a promoção da dignidade social e a formação dos educandos (EG, n. 70), promovendo o desejo do bem comum, de verdade e de justiça.

Para tal, são necessários novos modos de agir para se educar a humanidade a se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, suscitando valores cristãos por meio do testemunho fecundo do amor. Pois “Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta” (EG, n. 71). E assim, contra os “profetas da desventura”, o Papa Francisco, nos chama à confiança na misericórdia divina, que tudo conduz para o bem de todos.

Retomando, então, as orientações de João XXXIII à Igreja e à humanidade, as mesmas se aplicam à educação nos dias de hoje:

1. O que mais importa é “que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V.1). Sendo que o depósito da fé é sempre o mesmo, Jesus Cristo, que vale para ontem, hoje e sempre;

2. E esta doutrina seja “fielmente respeitada, aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo” (GME, VI.5);

3. Assim, se “use mais o remédio da misericórdia do que o da severidade, ... mostrando mais a validade da doutrina do que renovando condenações” (GME, VII.2);

4. E os educadores agindo com “amor a todos, benignos, pacientes, cheios de misericórdia e bondade” (GME, VII.3).

Sessenta anos após o Concílio, o Papa Francisco relembra que a alegria do Evangelho é tamanha, que nada e ninguém pode tirá-la de nós (EG, n. 84), e que ninguém a ela resiste. Por isso, somos chamados a ser Igreja “em saída”, isto é, comunidade de discípulos missionários que “primeireia” (EG, n. 24), que toma a iniciativa, se envolve, acompanha, frutifica e festeja, oferecendo misericórdia. Assim, a recepção do Papa Francisco ao estilo do Vaticano II é o eco do que O’Malley destaca, de que o amor e a misericórdia são a linha mestra para a ação pastoral da Igreja e para a educação cristã. E o Papa Francisco alerta, em especial aos educadores: “Não percam a esperança! Nunca tenham medo de ternura” (FRANCISCO, *apud* O’MALLEY, 2015, p. 21).

3 ENTRE TREVAS E ESPERANÇAS, A CORAJOSA REVOLUÇÃO CULTURAL.

Para se atender as recomendações do Concílio, é exigida DA educação uma “corajosa revolução cultural” (VG, n. 3). Devido à velocidade das mudanças e da degradação socioambiental, urge pela redefinição do modelo de progresso, uma revolução que atenda ao desejo de todo coração humano, com base no anúncio e no testemunho da alegria da verdade (n. 4b), para a transformação da realidade. O diálogo à luz da Revelação é, então, o caminho para investigações que tragam a proposta de novo estilo de vida, com estudos provenientes dos vários universos religiosos e diferentes competências científicas, na busca da Verdade.

Na carta encíclica *Fratelli Tutti* (FT, 2020), o Papa Francisco enfatiza o poder do diálogo: “Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro!” (FT, n. 217). Esta é a arma para a mudança radical: o diálogo com vistas à cultura do encontro, para que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz e a educação seja transformada e transformadora rumo à liberdade e à amizade social. Pois “Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres” (FT, n. 5), para todos conviverem como irmãos.

Porém, tal sonho está longe de se realizar, devido ao mundo viver nas sombras das guerras, dos poderes econômicos e da perda do sentido da história, em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero. Além do descarte mundial, que leva à “necessidade de consumir sem limites e à acentuação de muitas formas de individualismo sem conteúdo” (FT, n. 13). Como alerta Leonardo Boff, estamos numa emergência ecológica. “Somos obrigados a nos reinventar como seres humanos e cuidar zelosamente da casa Comum e de tudo que lhe pertence” (BOFF, 2021, cap. 1, conclusão).

Também o processo de globalização, o progresso sem um rumo comum e a ilusão da comunicação, que leva a fechar-nos em nós próprios, o que apenas dissimula o individualismo. Pois “reduzem-se ou desaparecem as distâncias, mas deixa de existir o direito à intimidade” (FT, n. 42), E tal situação gera agressividade, decorrente de informações sem sabedoria.

Apesar das trevas, *há, contudo, esperança para o futuro*, já que Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade (FT, n. 54). Nesse sentido, o Papa Francisco toma a parábola do Bom samaritano e destaca:

“qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores? O que usou de misericórdia para com ele. Vai e faz tu também o mesmo” (Lc 10, 25-37). Hoje, o próximo vai mais além daquele que é vizinho, pois “o amor cria vínculos e amplia a existência” (FT, n. 80).

Para se ter misericórdia com o próximo rumo à amizade social, o diálogo é o modo indicado. O que significa “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo ‘dialogar’” (FT, n. 198). Para nos encontrarmos e nos ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar. Mas o diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; contudo, de forma discreta, mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor.

- O diálogo social para uma nova cultura

O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos (FT, n. 203). Porém, “quando a cultura se corrompe, deixando de reconhecer qualquer verdade objetiva ou quaisquer princípios universalmente válidos, as leis só se poderão entender como imposições arbitrárias e obstáculos a evitar” (FT, n. 206). Aceitar que há alguns valores permanentes, embora nem sempre seja fácil reconhecê-los, confere solidez e estabilidade a uma ética social (FT, n. 211). Para isso, “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT, n. 215).

- Percursos de um novo encontro.

Devido à falta de paz que leve a cicatrizar as feridas, “há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro” (FT, n. 225). O que não implica homogeneizar a sociedade, mas permitir-nos trabalhar juntos, sobretudo com os últimos (FT, n. 228). A amizade social implica então “a busca de um renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis. E a paz “não é apenas ausência de guerra, mas o empenho de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, de irmãos, para que possam sentir-se protagonistas do destino da própria nação” (FT, n. 233).

- A verdadeira superação: a unidade é superior ao conflito

Não se trata de apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que preserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste. “Todas as vezes que aprendemos a olhar para mais alto do que nós mesmos, a compreensão e o compromisso recíprocos transformam-se em solidariedade; e mesmo aqueles a

quem seria possível considerar como contrapostos no passado, podem alcançar uma unidade multiforme que gera nova vida” (FT, n. 245).

Por isso tudo, o Papa Francisco retoma o apelo à paz, à justiça e à fraternidade.

CONCLUSÃO

As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito. Por isso, compete à educação cristã debruçar-se sobre os outros para remediar as misérias alheias.

Exige-se para isso uma “mudança radical de paradigma e a corajosa revolução cultural” à luz do evangelho, que possibilita uma melhor compreensão da vida, do mundo, dos seres humanos, “com a mente aberta e de joelhos” (VG, 3). Pois a crise antropológica e socio-ambiental afeta tanto as catástrofes naturais como as crises sociais, de saúde ou financeiras (idem). E a Palavra de Deus apresenta alternativas às questões do nosso tempo, às aflições batalhas, sonhos, lutas e preocupações do povo.

Por isso, “trata-se de mudar o modelo de desenvolvimento global e de redefinir o progresso” por meio da educação, que é um espaço privilegiado para a formação de novas lideranças em busca da paz e da amizade social.

REFERÊNCIAS

ALVES, César. Para uma hermenêutica apropriada do Vaticano II. O discurso inaugural de João XXIII e o objetivo do Concílio. In: *Gregorianum* 94,1 (2013), p. 5-34.

BOFF, Leonardo. *O doloroso parto da mãe terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

CNBB. *Educação, Igreja e Sociedade*. Documento nº 47 da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2013.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, 1965. Disponível: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso: 06 set.2024.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium* (EG). 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf. Acesso: 06 set.2024..

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social (FT, 2020). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso: 06 set.2024.

JOÃO XXIII, Papa. Discurso de Sua Santidade na abertura solene do Concílio Vaticano II. *Gaudet Mater Ecclesia* (GME). Roma, 11 de outubro de 1962. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso: 06 set.2024.

O'MALLEY, John W. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco In *Cadernos teologia pública*, Ano XII, número 94, volume 12, 2015. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/094_cadernosteologia-publica.pdf. Acesso: 06 set.2024.

PAULO VI, Papa. *Evangelii nuntiandi* (EN, 1975). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1981